

DOI: <https://doi.org/10.30749/2594-8261.v3n3p30-49>

CULTURA E COMPORTAMENTO SOCIAL NA CIDADE GLOBAL

*CULTURE AND SOCIAL BEHAVIOR ON THE GLOBAL CITY**

Vanderlei Martins **

Resumo: Esse ensaio trata de uma incursão de natureza sócio jurídica na convivência sócio institucional no espaço urbano contemporâneo globalizado. Discute de maneira pontual o espaço urbano como local de encontro de culturas diferenciadas entre si, mas que são conduzidas por uma mesma concepção de mundo derivada do tecnologismo contemporâneo que se manifesta impondo uma nova forma de convivência global e diversificada. Tal diversidade permite o convívio entre diferentes tendências que nem sempre são tolerantes entre si. Assim, o artigo discute a cidade contemporânea globalizada como ponto de encontro e desencontros culturais.

Palavras-chave: Cidade. Globalização. Pós-modernidade. Cultura. Ética.

Abstract: This essay is an incursion of socio- legal nature in the socio- institutional relationship in a globalized contemporary urban space. Discusses a timely manner the urban space as a meeting place of different cultures with each other , but are driven by the same conception of the world derived from contemporary technologism manifested imposing a new form of global and diversified coexistence. This diversity allows the coexistence of different trends that are not always tolerant with each other. Thus, the article discusses the global contemporary city as a meeting place and cultural misunderstandings.

Keywords: City. Globalization. Post-modernity. Culture. Ethics.

* Uma versão modificada deste artigo foi publicada no livro “Estudos em Homenagem ao Professor Doutor José Rogério Moura de Almeida Filho”, de coordenação de Cleyson de Moraes Mello, José Rogério Moura de Almeida Neto e Regina Pentagna Pentrillo.

** Doutor em Ciências pela COPPE na Universidade Federal do Rio de Janeiro (1995). Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: martins1951@yahoo.com.br.

1 CULTURA E COMPORTAMENTO SOCIAL NA CIDADE GLOBAL

Iniciaremos esse artigo partindo de uma constatação que é perceptível na atualidade, ou seja, a pressão que é exercida sobre o indivíduo na convivência urbana contemporânea. Tal pressão, reafirmamos, é nociva à natureza humana, prova maior dessa constatação, é que acaba por provocar 'efeitos colaterais' indesejáveis, porém inevitáveis e incontrolláveis. Estresse, depressão e ansiedade são os exemplos mais visíveis de tais efeitos colaterais. Tal sua frequência e incidência, essas anomalias ganham status de 'epidemias'. A cidade global contemporânea, reflete, nas convivências interindividuais, a lógica da funcionalidade objetiva tecnicista pós-moderna, onde os 'negócios' (derivados da razão técnica) se sobrepõem ao 'ócio' (derivados da razão humana). É justamente dessa sobreposição que se originam os 'efeitos colaterais' mencionados acima, aos quais podem ser inseridos ainda a agressividade e a intolerância manifestas nas relações sociais.

A partir de um olhar sociológico, apoiado nos conceitos de patologia e normalidade, é fato que a patologia se sobrepõe ou, sendo mais otimista, se manifesta com a mesma intensidade que a normalidade no cotidiano dos grandes centros urbanos, seguindo, ou derivando, da mesma lógica de sobreposição existente entre o 'negócio' e o 'ócio' na convivência rotineira das grandes cidades. É fato também facilmente perceptível que as cidades e os indivíduos formam uma equação social desequilibrada e desajustada, acabando por produzir uma sociedade de perfil 'doentio', individualizada por excelência, perigosamente excludente. O alto desenvolvimento tecnológico empreendido e colocado à disposição do homem urbano, ao invés de ser um aparato facilitador para elevação da qualidade de vida produz impacto inverso, oprime e transforma o indivíduo em refém dessas invenções, configurando um cenário urbano que nada mais é do que o espelho da nova tirania tecnológica.

Tomemos como exemplo as redes sociais. Nessa nova forma de comunicação derivada de uma inovação tecnológica específica, o indivíduo desenvolve um alto grau de dependência que compromete o relacionamento verdadeiramente humano. O aumento gradativo da relação 'online', obstrui de maneira perversa a relação 'in loco'. Assim, ao trocar o real pelo virtual, o indivíduo

se isola dos outros indivíduos e alimenta a própria solidão. Esse isolamento, na verdade, é um desdobramento do individualismo afirmado pela Modernidade contemporânea, onde o indivíduo passou a buscar sua autoafirmação social mediante projeto de vida pessoal marcadamente 'privatista', fechado em si mesmo, descolado e sem comprometimento ou responsabilidade maior com a sociedade na qual está inserido. Realizar, ou o risco de não realizar, esse projeto de vida pessoal gera medo, angústia e ansiedade, o que vai demonstrar mais uma insensatez do indivíduo pós-moderno, ou seja, ao optar pelo isolamento, passa a ter enorme dificuldade para lidar ou superar as aflições que lhe acometem, uma vez que lhe faltam os laços das relações afetivas.

Em artigo publicado na revista Caros Amigos, 'Geração de Workaholics', Jose Eduardo Bernardes constata que o capitalismo turbinado com novas tecnologias coloca trabalho acima de tudo e produz doenças.

Você não tem consciência que passou dos limites, você simplesmente vai. E quando percebe, não faz mais nada na vida, além de trabalhar.... O ambiente capitalista e consumista, que se tornou marca registrada da nossa contemporaneidade, tende a manter a vida pessoal, hobbies e momentos de distração em segundo plano e o trabalho acima de tudo.... A internet, de fato, estendeu o trabalho além dos muros da empresa. A questão da globalização, da elevada competitividade, cria situações muito complicadas. O trabalhador precisa ter o seu emprego, mas a que custo? (BERNARDES, 2015b, p. 12).

Já foi mencionado aqui que as grandes cidades contemporâneas se transformaram em um grande shopping global onde tudo se compra, tudo se vende, inclusive a felicidade material, sonho maior desse indivíduo em constante movimento no espaço urbano agora transformado em imenso balcão de negócios. Essa nova concepção de cultura altera o sentido da vida que passa a ser vista e desenvolvida como um grande investimento, isto é, o indivíduo investe em conhecimento visando o mercado de trabalho; afirmado profissionalmente, busca a afirmação maior que é sua legitimação social enquanto consumidor pleno de tudo aquilo que lhe é oferecido por esse imenso shopping global urbano. Ao internalizar esse padrão cultural imposto pelo neocapitalismo, o indivíduo perde o caráter de cidadão que lhe deveria ser nato e passa a se reconhecer, e ser reconhecido, na vivência social apenas e tão somente como consumidor. O curioso é que, na cultura funcional pós-moderna,

o indivíduo-consumidor também é visto pelo neocapitalismo como potencial objeto de consumo.

Paradoxo maior dessa cultura pós-moderna é que, quanto mais se desenvolve a tecnologia, mais restritas ficam as interações sociais afetivas, o que só faz aumentar o isolamento do indivíduo e, por conseguinte, a solidão e o sofrimento espiritual. Espécie de destino' definido e escolhido pela humanidade através do livre-arbítrio emergente com a Modernidade. Alguns dados assustam, cerca de 10% da população brasileira sofre de depressão, mas é bom que se diga, a depressão é um mal mundial, tendo ganho, inclusive, status de epidemia. A indústria farmacêutica 'sensibilizada' com a demanda do sofrimento, abastece esse mercado humano com variados antidepressivos, liderados pelo Rivotril, segundo medicamento mais consumido no Brasil (17 milhões de caixas vendidas em 2013), só perdendo para o anticoncepcional distribuído pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para a população brasileira, de acordo com a jornalista Tania Rodrigues (2015), no artigo "Felicidade Que Se Vende", no tabloide Caros Amigos, já mencionado.

Seguindo ainda dentro dessa questão que relaciona o indivíduo com as doença e epidemias pós-modernas, a busca para solução imediata das anomalias psíquicas substituiu a clássica terapia relacional e informal pela pós-moderna medicação técnica e formal. Nessa escala, a pessoa doente enquanto sujeito é substituído pela doença, onde, nessa mesma escala, o corpo deixa de ser visto como um organismo, passando a ser tratado como uma máquina que comporta diferentes órgãos, cuidados agora através de 'especializações' da medicina cada vez mais específicas. Ainda segundo Rodrigues (2015), o homem aumentou a sua capacidade de dominar a natureza por meio de novos recursos científicos e tecnológicos, mas perdeu a habilidade de lidar com as questões complexas das relações humanas, da linguagem e da afetividade.

Na avalanche de transmutações que brotam desse indivíduo pós-moderno, emerge a cultura da autocelebração, de tendência narcisista, que o transforma em consumidor voraz que busca a autoafirmação social através do consumo. É dessa forma que o consumismo passa a ser sinônimo de doença e que se propaga generalizadamente como patologia social. O ápice de tal anomalia é a existência em São Paulo, do grupo de "Devedores Anônimos", com a mesma finalidade psicológico

social dos “Dependentes Anônimos” ou dos “Alcoólicos Anônimos”, grupo já com alguma tradição. Vale mencionar que essa compulsão patológica pelo consumo que envolve contingente considerável de indivíduos, traz consigo outros distúrbios psicológicos, tais como ansiedade e estresse e, caso a capacidade de consumo é obstruída, surge a depressão, que é o reflexo da impossibilidade do indivíduo em lidar com os problemas criados e alimentados por ele próprio. Daí o crescimento dos grupos de autoajuda para preenchimento dessas realidades.

A paranoia pela afirmação social, dentro da perspectiva materialista pós-moderna, envolve também a religião, onde existem igrejas ou templos que se aproveitam dessas fraquezas individuais e prometem a felicidade através do bem-estar material. A leitura que pode ser feita dessa tendência é a efetivação de uma transcendência pragmática, utilitária e funcional, bem no estilo pós-moderno.

Essa busca pela materialidade através da religião nada mais é do que apelar à Deus para ter aquilo que está fora de alcance do indivíduo no convívio temporal, ou seja, quando se torna difícil o enfrentamento pessoal às exigências da vida, a religião é a aliada ideal vislumbrada pelo indivíduo ter na busca de forças para preenchimento do vazio existencial, além do conforto espiritual contra a sensação de rejeição e esvaziamento da vida. Nesse sentido, a busca por determinada religiosidade está diretamente ligada à descrença nas demais instituições sociais formais. Devido seu papel social enquanto alternativa espiritual, a religião adquiriu importância significativa dentro da convivência pós-moderna, se transformando em instituição social de expressivo peso político nas relações sócio institucionais. Característica marcante das instituições religiosas é o agir passional do indivíduo na manifestação de sua crença, expressa através de uma obediência radical aos princípios normativos que lhe são impostos institucionalmente.

Para Frei Betto, quando o fiel absorve os conceitos da crença e da religiosidade e a pratica em seu cotidiano, ele tende a saciar seus anseios de felicidade. Na cabeça do fiel, ele descobriu ali o caminho da salvação, não apenas após a morte. Ao abraçar uma religião ou igreja, ele tende a viver mais harmoniosamente com a família, deixa de beber e fumar, o que aumenta sua renda. Ele passa também a ter uma vida mais regrada, o que aquieta o espírito. Suas desvantagens são perder o senso crítico e ficar muito vulnerável ao pastor, confundindo autoridade e verdade', diz o religioso. (BERNARDES, 2015a, p. 30).

O que se observa, em termos estatísticos, é o crescimento das religiões neopentecostais no Brasil, em decorrência da impotência intelectual dos indivíduos em lidar e enfrentar as adversidades ou obstáculos que se antepõem na realidade vivida. Hoje, os pentecostais representam 22% da população brasileira, segundo o mesmo Jose Eduardo Bernardes. Existem variações entre as igrejas evangélicas, mas todas tem um ponto comum, qual seja se apoiarem nas experiências vividas pelos fiéis para pregação da teologia da prosperidade espiritual e material, dentre essas, se destaca a Igreja Universal do Reino de Deus, cuja doutrina, no entendimento dos críticos, propaga uma leitura de teor fundamentalista da Bíblia e, ainda segundo os críticos, tal fundamentalismo pregado, pode se transformar em rejeição, preconceito ou desprezo contra os indivíduos que não comungam com seus ideais, emergindo, assim, dessa postura radical, uma cultura baseada na intolerância religiosa entre os evangélicos e os seguidores de outras religiões.

Em relação à intolerância, se observada também fora do âmbito religioso é uma das características mais marcantes da cultura pós-moderna e que se manifesta de variadas maneiras na convivência social. Em nosso entendimento, a intolerância é decorrência direta da incapacidade ou dificuldade que o indivíduo contemporâneo tem em dialogar na diferença. Via de regra, esse indivíduo é propenso apenas a reconhecer os 'iguais', não tendo tendência para reconhecer o outro que possui uma natureza 'diferente' da sua. Machismo, homofobia e racismo são exemplos latentes de comportamentos intolerantes que se manifestam como formas culturais patológicas.

A lamentar, o fato de que as intolerâncias exemplificadas no parágrafo anterior ocorrem como sentimentos que expressam ódio e mediante agressões, sejam físicas ou verbais, às vezes seguidas de morte, principalmente se a intolerância ocorrer contra homossexuais, daí seu caráter cultural patológico. Ideologicamente, a intolerância é mais frequente nos segmentos políticos de extrema direita, que são segmentos conservadores, de caráter elitista e de tendência totalitária. Nos ambientes sociais democráticos, onde a livre-manifestação é possível, a intolerância atua sem que haja uma punição exemplar e tão radical quanto o ódio manifesto pelos infratores.

Como alento a esse padrão cultural formalmente estabelecido na Pós-Modernidade que oprime e coloca o indivíduo sob constante pressão, surgem movimentos sócio culturais de escopo alternativos que tentam neutralizar o comportamento social pragmático do homem pós-moderno. A nova tendência cultural sugere uma forma diferente de lidar com o mundo e com a vida, através de uma postura de desapego à tudo àquilo que não é rigorosamente necessário à vida cotidiana do indivíduo. Tal movimento cultural emergente aponta para a chamada 'Vida Simples', cujo foco mais significativo deriva de uma visão econômico-social, ou seja, empreende uma crítica sistemática ao consumismo inconsequente, compulsivo e insensato que provoca consequências sérias. Fazendo uma alegoria, é como se o indivíduo tomasse diariamente um remédio desnecessário para sua saúde, cuja medicação provoca 'efeitos colaterais' consideráveis em seu organismo, mas mesmo assim, insiste em sua ingestão.

Podemos dizer que a angústia do indivíduo na contemporaneidade decorre de imposições culturais globais provenientes dos blocos hegemônicos, condutores da globalização pós-moderno. Esse novo padrão cultural, imposto através de discursos sedutores e midiáticos, convence a todos, inclusive àquelas parcelas da sociedade que não fazem parte dos segmentos sociais beneficiários desse novo padrão cultural. Todos sonham com essas promessas, todos se angustiam para alcançar e/ou ter acesso à essas promessas. Promessas essas, muito bem orquestradas ideologicamente e que se afirmam como modelo de comportamento sociocultural ideal, cabendo aí, às mídias oficiais o papel de executar sua propagação a nível planetário, aliadas transformadas em arautos eficientes do novo padrão cultural pós-moderno.

É interessante observar que a globalização na Pós-Modernidade é um fenômeno que se manifesta desatrelado do poder convencional imposto pelos estados nacionais, conduzida que é, agora, por uma elite itinerante que circula pelos diferentes territórios do planeta impondo novos paradigmas culturais. Nesse novo cenário, o indivíduo pós-moderno globalizado barganha sua liberdade individual pela ilusória segurança que a nova cultura planetária lhe oferece. A partir dessa adesão, se submete ao 'mundo dos negócios' derivado do neocapitalismo, passando a viver, então, sob a pressão oriunda da cultura do trabalho. Nesse

sentido, para esse indivíduo pós-moderno, a vida não tem sentido fora do âmbito dessa funcionalidade objetiva imposta pelo trabalho, pois é através dela que sua angústia é aplacada com a autoafirmação no mundo da materialidade temporal.

No novo mosaico cultural pós-moderno, o comprometimento ético como princípio norteador da convivência social, sucumbe diante de outros apelos entendidos por esse novo indivíduo como mais 'urgentes', isso levando-se em consideração o que realmente lhe interessa é a afirmação como consumidor pleno. O indivíduo ao relativizar a ética, passa a tê-la muito mais como norma de conduta (logo, passível de desobediência), do que propriamente como referencial absoluto de conduta (logo, acima de qualquer motivação temporal). Como desdobramento dessa forma de uso da ética, a relação do indivíduo com a contemporaneidade que lhe envolve passa a ser estritamente voltada para realização do próprio projeto de vida, onde o compromisso e a responsabilidade com o Outro passa a ser insignificante.

Por conta disso, vivencia-se uma Pós-Modernidade de latentes tensões, onde interesses se sobrepõem à interesses, desestabilizando e impossibilitando a harmonia na convivência social e, por extensão, criando uma desordem generalizada em um ambiente que deveria ser entendido como de encontros entre indivíduos iguais do ponto de vista humanista, componentes de uma determinada comunidade que convivem socialmente dentro de um espaço territorial dado. Tal afirmação soa como ingênua diante do pragmatismo cultural radical que conduz o indivíduo contemporâneo.

Voltando à questão da ética como pressuposto cultural imprescindível dentro das relações sócio institucionais, talvez seja pertinente mencionar sua origem como referência social no mundo ocidental. A humanidade ao longo de toda sua existência, sempre buscou o aprimoramento da vida associando ideais e técnicas que lhe permitisse aprimorar o bem-estar e o bem-viver. Nessa busca, o Homem percebeu de imediato que viver em sociedade era o caminho mais seguro para garantir a sobrevivência e perpetuação da espécie. Tomando como ponto de partida a sociedade grega clássica, reconhecida como berço da civilização ocidental, lá nasceram as Cidades, lá nasceram os Estados, ali nasceu o Cidadão, entendido como o indivíduo com um novo papel dentro da nascente Polis. A associação

dessas instituições passou a formar a República (Res Publica), responsável direta pela coisa pública.

Denominado Paidéia, esse projeto civilizatório grego clássico, tornou-se referência para o desdobramento histórico da formação cultural do mundo ocidental. Entendida como verdadeira revolução ocorrida no mundo dos ideais, a Paidéia grega é a base da Modernidade, fundadora da era moderna no ocidente, uma vez que, foi na Grécia Clássica que o homem através de sua capacidade intelectual, tornou-se o centro da própria existência e a vida, como decorrência desse pressuposto intelectual, passou a ser a expressão da razão filosófica humana. Dentro dessa concepção de mundo conduzida pela Filosofia, a ética surge como um princípio de natureza absoluta na condução da vida institucional nascente. A Idade Moderna quebra esse paradigma, substituindo a razão humana pela razão científica, onde o livre-arbítrio do homem moderno relativiza a vida, o mundo e sua própria presença no mundo. Em relação à ética tradicional, também sucumbe diante dessa nova cultura moderna, relativizando-se a partir do livre-arbítrio afirmado.

É cabível afirmar, que a partir da afirmação do livre-arbítrio moderno, o mundo ocidental adquire nova configuração cultural em todos os níveis institucionais, conforme já aludido no texto. Assim, no âmbito da cultura, passa a prevalecer o princípio da funcionalidade objetiva como valor costumeiro, impondo nas relações sociais a 'convivência de resultados' ou positivismo social, um tipo de convívio marcadamente imediatista, individualista e utilitarista. Vale dizer que, esse novo sentido dado à convivência na Modernidade tornou-se o grande emblema da cultura moderna.

Assim é que, a Modernidade e a Pós-modernidade, agora globalizada, impõe novas formas de relações sócio institucionais, derivadas dessa cultura modificada. Não é errado, pois, considerar que o indivíduo moderno desconectado da tradição, passa a valorizar, prioritariamente, o mundo dos fatos concretos e, apostando em sua autonomia, passa a acreditar que sua presença lhe basta no enfrentamento do mundo. É justamente a partir da autonomia conquistada que o homem moderno reformula valores, costumes e critérios sócio institucionais.

O que fica evidenciado à primeira vista, é que a tecnologia pós-moderno induz nos indivíduos espécie de 'feitiço' sedutor que Milton Santos (2010) chama de

encantamento do mundo. A tecnologia associado à ideologia do neocapitalismo global, impõe uma cultura que torna o dinheiro o centro da existência das pessoas, fato que, como desdobramento inevitável, transforma a vida em 'negócio' não em princípio. Em outras palavras, o parâmetro cultural que define a vida do indivíduo contemporâneo é de natureza econômica e não de natureza filosófica ou existencial, onde, a partir dessa submissão cultural, põe em segundo plano a própria razão. Assim é que, a economia e o consumo são assumidos como princípios culturais prioritários, transferindo a ética para um plano cultural secundário e relativo.

Através da informação midiática, essa nova cultura pós-moderna se propaga de forma manipulada e, ao mesmo tempo, manipuladora de uma opinião pública que é facilmente adestrada para absorver e legitimar conceitos que lhe são transmitidos através de diferentes redes sociais. Com isso, a função social da informação, deixa de ser instrutivo-educativa, para transforma-se em canal de convencimento ideológico via propaganda.

Podemos dizer que na cultura de mercado que conduz a globalização contemporânea, o indivíduo se transforma também em mercadoria. A cultura do consumo predominante e que conduz a pós-modernidade é uma cultura perversa porque destrói as convicções do indivíduo dentro das relações sociais, tirando-lhe a lucidez e o senso crítico que são referenciais fundamentais para se ver e de se fazer presente no mundo. Tal perversidade cometida contra o indivíduo, acaba por deixá-lo vulnerável intelectualmente enquanto pessoa e, por conseguinte, refém dessa cultura materialista, consumista e alienante. Surge, então, a perversidade maior que se comete contra o indivíduo, ele próprio é transformado em mercadoria, alvo que deve ser atraído e estimulado a consumir outras mercadorias. Segundo Z. Bauman (2008), esse é o maior e mais elevado segredo, aquele que é mais bem guardado da sociedade dos consumidores. Citando-o diretamente, constatamos que

Na hierarquia herdada de valores reconhecidos, a síndrome consumista degradou a duração e elevou a efemeridade. Ela ergueu o valor da novidade acima do valor da permanência. Reduziu drasticamente o espaço de tempo que separa não apenas a vontade de sua realização (como muitos observadores, inspirados ou enganados por agências de crédito, já sugeriram), mas o momento de nascimento da vontade do momento de sua morte, assim como a percepção da utilidade e vantagem das posses de sua compreensão como inúteis e precisando de rejeição.

Entre os objetos do desejo humano, ela colocou o ato de apropriação, a ser seguido com rapidez pela remoção do lixo, no lugar que já foi atribuído à aquisição de posses destinadas a serem duráveis e a terem um aproveitamento duradouro. (BAUMAN, 2008, p. 111).

Outra característica marcante da cultura pós-moderna planetária é que ela impõe uma espécie de pensamento único ao indivíduo, sempre bom enfatizar, tirando-lhe a possibilidade de compreensão plena das coisas que lhe cerca, pois isso demanda tempo, é preciso 'parar para pensar', mas nesse padrão de comportamento estabelecido, 'parar' significa sair da lógica do Movimento pós moderno, o que significa dizer, risco de ser vítima da exclusão digital que lhe ameaça de forma sutil e subliminar. Afinal de contas, aqui é interessante lembrar de Michel Mafesolli *apud* Bauman (2008) quando lembra que o indivíduo é o que é porque os outros lhe reconhecem como tal. Assim, não é absurdo ou exagero afirmar que na convivência sócio-cultural-institucional contemporânea globalizada, o indivíduo abre mão da liberdade plena de SER no mundo, trocando-a pela segurança de ESTAR incluído nesse mesmo mundo. A afirmação dessa cultura pragmática, materialista e funcional, que é derivada da tecnologia contemporânea, faz com que o indivíduo sacrifique sua própria gênese de homo sapiens, travestindo-se de homo Faber.

A cultura do Movimento digital imprime, assim, um cenário sócio institucional radicalmente dinâmico, inconstante, superficial e, podemos até dizer, avesso à reflexões filosóficas de maior profundidade. Tal mosaico cultural que envolve, ou devora o indivíduo pós-moderno, estimula a prevalência de tendências comportamentais irresponsáveis do ponto de vista ético, facilitando, com isso, a perpetuação da insensatez ou de patologias sócio culturais. É dessa expressão cultural que derivam as mudanças aceleradas na convivência sócio institucional, sem poupar qualquer segmento social. Do econômico ao cultural, tudo passa a ser de natureza provisória na vivência pós-moderna. Como agravante, interesses distintos, às vezes antagônicos, se entrelaçam e se chocam na 'teia global' contemporânea.

A Pós-Modernidade estabelece, assim, um novo tipo de consciência estéril, onde a alienação e a resignação substituem a lucidez e a sensibilidade. A faceta

mais grave dessa nova expressão cultural é a perda progressiva da identidade e do autodomínio de si mesmo por parte desse indivíduo pós-moderno.

A cultura que conduz a Pós-Modernidade, situando-a no tempo histórico, tem início por volta de 1945, ano de encerramento do segundo grande conflito mundial, momento em que se inicia a globalização ora vivenciada. Entretanto, a configuração cultural pós-moderna não deve ser vista como cultura antagônica à cultura afirmada com a Modernidade, é seu desdobramento 'natural'. Isso porque, a estrutura do sistema cultural permanece inalterada, ou seja, a economia continua sendo conduzida pelo grande capital, a política ainda é a representação do Estado Liberal e a sociedade segue dentro dos parâmetros estabelecidos pela cultura do consumo já presente na Modernidade. A Pós-Modernidade pode ser entendida como discurso revisionista do Moderno ou a crítica que esse faz de si mesmo.

Assim, a Pós-Modernidade é uma espécie de tomada de consciência de que o Iluminismo que consagrou o racionalismo científico como concepção de mundo ideal fracassou no sentido de promover o bem estar e o bem viver social. O fato é que, a partir da globalização, o discurso ganha nova roupagem, a certeza é substituída pela probabilidade, onde a cultura hegemônica pós-moderna não garante ou afirma, apenas oferece e seduz. Conforme já foi dito anteriormente, a dinâmica da Pós-Modernidade impõe uma cultura onde as teorias e os grandes discursos perderam profundidade e as grandes promessas são rapidamente desdidas pelas realidades sócio institucionais. Nessa lógica, a cultura na Pós-Modernidade, conduzida pela globalização, pulveriza a convivência, provocando mais incertezas do que certezas, onde se entrelaçam o real e o virtual na relação entre os indivíduos e as instituições sociais. Realidade essa que tira o sentido de permanência dos referenciais e valores sócio institucionais e que deixam o indivíduo globalizado perplexo e inseguro diante da vida e do mundo.

Então, a cultura prevalente na contemporaneidade caracteriza-se por induzir á uma crise de natureza orgânica que acirra conflitos e amplia antagonismos, tal como a relação pobreza/riqueza entre países hegemônicos e países dependentes ou entre segmentos sociais dentro de uma mesma sociedade, a questão do trabalho, a questão da soberania e independência dos estados nacionais, o descaso com a questão ambiental que coloca em risco a vida e o próprio planeta, conflitos

bélicos, intolerâncias generalizadas, são exemplos factuais de comportamentos sócio culturais que corroem a humanidade contemporânea planetária. Concordando com Bauman (2010), esse parece ser o destino e não uma escolha de teor pessoal do indivíduo pós-moderno. Contraditória por excelência, a cultura global vivenciada coloca diante dos indivíduos diferentes formas de interações virtuais ou digitais facilitadoras de nobres comunhões humanitárias, mas, ironicamente, também ampliam-se diferenças, desigualdades e, pior, estimulam-se intolerâncias.

No caso do Brasil, esse padrão cultural imposto pela globalização contemporânea também provoca impactos maléficos à convivência sócio institucional, gerando uma crise estrutural que se propaga de forma generalizada entre todas as instituições brasileiras. A questão do modelo político, a questão do modelo econômico, a questão do modelo educacional, a questão do modelo de saúde pública, a questão do modelo de transporte público, a questão do modelo de segurança pública e uma questão mais envolvente e que perpassa por entre todas essas questões, qual seja a questão da corrupção, culto patológico que, devido sua frequência, transformou-se em 'normalidade' social no ambiente institucional nacional. Se bem observado, essas anomalias são decorrências de uma cultura de tendência privatista que despreza ou não considera fundamental a presença de espírito público nas relações sociais que são, antes de qualquer outra coisa, de natureza coletiva.

Inimaginável uma vida em sociedade harmoniosa sem a presença de espírito público ou coletivo na alma dos indivíduos nas interações sócio institucionais. A cultura global ao estimular o consumo, define o status social da pessoa a partir de sua potencialidade enquanto consumidor. Assim, esse modelo cultural torna-se elitista e excludente, uma vez que o acesso ao consumo não é privilégio de todos, é seletivo, sendo, portanto, tradução de uma cultura antidemocrática.

Nesse sentido, dentro do contexto globalizado pós-moderno, os países mais dependentes que dentro da linguagem global, são reconhecidos como periféricos, o estabelecimento de uma cultura humanitária é muito mais dificultoso, haja visto que as contradições de natureza internas estão historicamente enraizadas, de difícil superação. Nesses países com formação histórica e cultural de dependência,

democracia, cidadania e espírito público são princípios culturais mal construídos, haja vista que não forjaram em seus respectivos nascedouros uma identidade de caráter nacional. Com isso, a ausência desses valores culturais como fundamentos importantes na convivência social, obstruem o estabelecimento de uma realidade sócio institucional que se entenda e se realize como justa e democrática. Assim é que, nos países com formação histórica e cultural deficientes, se constroem, por derivação, instituições políticas, econômicas e sociais imaturas eticamente incapazes de neutralizarem desmandos antidemocráticos e práticas corruptas que se generalizam no convívio social.

Na verdade, essa cultura global, integra e ao mesmo tempo desintegra, uma vez que, por um lado, permite e realiza o estreitamento da humanidade, por outro lado facilita e absorve imposições de diferentes interesses, sejam econômicos, políticos ou mesmo, e principalmente, imposições de caráter cultural, colocando, a partir dessas ingerências, em um segundo plano o 'antigo' conceito moderno do 'bem comum'. É a época das rupturas que em passado pouco distante não eram visíveis ou previsíveis e que hoje são aceleradas pela informática e suas vertentes digitais que desconhecem fronteiras ou limites. Nesse cenário, verdadeiro mosaico, conforme já dito, a convivência é marcada simultaneamente por generalizações e particularidades, que colocam em dúvida antigos paradigmas culturais. A lógica do 'Movimento' pós-moderno não permite que a cultura 'respire' ou se realize de outra forma.

È justamente no ambiente urbano das grandes metrópoles que a nova configuração cultural pós-moderna se potencializa e se legitima, ou seja, nos grandes centros urbanos se concretizam as novas formas de interações sociais em todos os seus níveis institucionais. Nesse raciocínio, existem cidades mais globais do que outras, ou melhor, existem cidades que são mais globais do que outras, transformadas que foram em propagadoras da nova cultura, aceitas como referências e modelos civilizatórios. As grandes capitais dos países mais ricos do planeta se enquadram como exemplos de cidades controladoras ideologicamente da cultura globalizada pós-moderna. É a partir delas que se propagam as concepções econômicas, políticas e sociais para a convivência planetária, entendidas,

autoritariamente, como ideais, espécie de 'discurso oficial' de um novo modo de comportamento de tendência totalitária.

É pertinente afirmar que as cidades se reestruturam para legitimarem e reproduzirem esse paradigma pós-moderno que está sob a ótica do neocapitalismo globalizado, que se apresenta como 'educador' do mundo contemporâneo. Se a nível planetário temos países centrais e periféricos, nas grandes cidades essa distinção se repete e, geograficamente, se define o que é centro e o que é periferia. Nesse ambiente devidamente configurado culturalmente, as questões sociais e urbanas se desenvolvem a partir dos paradigmas oficiais e hegemônicos. Assim, as grandes contradições da globalização pós-moderna são reproduzidas na convivência sócio institucional das grandes cidades contemporâneas, ou seja, a concepção cultural que define a globalização na Pós-Modernidade, define também a cultura das grandes cidades pós-modernas.

É nas grandes cidades que todas as tendências sociais se entrelaçam e se manifestam no indivíduo, celebrador e consumidor passivo das inovações culturais que lhe são apresentadas. Tal celebração é a autocelebração de si próprio enquanto indivíduo consumidor. Entrelaçam-se ainda democracia / autoritarismo, envolvimento/alienação, solidariedade/indiferença, preconceito/aceitação cidadania/individualismo, harmonia/anomia. Princípios que se entrelaçam, mas que se excluem na realidade vivida.

O mesmo ambiente de relações múltiplas e diferenciadas, que envolve o intercâmbio social, cultural, econômico e político, compreendendo as práticas e os imaginários, cria e recria a diversidade e a desigualdade. Nas condições sob as quais ocorrem as relações sociais nas cidades, tanto se afirma e reafirma a diversidade como a desigualdade. Em tal contexto social a diversidade pode afirmar-se, até mesmo florescer, minimizando-se ou recobrando-se a desigualdade. Desde que as relações sejam fluentes, que o intercâmbio esteja ocorrendo sem atritos, quando se aceitam aberta e tacitamente as diversidades, nesses contextos tudo flui. Mas logo que se desvenda a desigualdade, quando se descobre que a diversidade esconde a desigualdade, nesse momento manifesta-se a tensão, o estranhamento, intolerância, o preconceito a discriminação e a segregação. (IANNI, 1996, p. 87).

Isso posta, a partir da afirmação da cultura globalizada, as sociedades locais obrigaram-se a adequar suas características originárias ao novo padrão cultural global. Nesse sentido, a globalização é um fenômeno de natureza técnica que se

manifesta em ambientes culturais já configurados historicamente. É justamente na confluência entre o global e o local que se manifestam as grandes contradições contemporâneas, alimentadas pela racionalidade do neocapitalismo globalizado. Não é exagero dizer, portanto, que a globalização pós-moderna, afirmada a partir de 1945, transita e se sobrepõe ao tradicional e ao moderno, independente dos valores culturais historicamente estabelecidos por países, cidades e/ou indivíduos. A sensação que fica é que se tem hoje um mundo sem fronteiras, fato que dá uma nova dimensão à cultura, onde antigos paradigmas culturais se chocam com novos paradigmas culturais, passando a exigir consenso cultural estabilizador desses impactos que nem sempre se dão de forma pacífica.

As cidades representam a demonstração simbólica da afirmação e da expansão do sistema capitalista industrial nos primórdios da era moderna, ou seja, locais de encontro entre produção e acumulação de capital. 'No início da era industrial, as cidades cresceram em função e em torno das grandes fábricas, como no caso das grandes cidades brasileiras, por exemplo. Entre nós, a partir de 1850, cidades e bairros surgiram e se afirmaram em função do estabelecimento da indústria têxtil, polo inicial da industrialização brasileira. Nesse sentido, toda uma infraestrutura foi criada para dar o devido suporte logístico ao capital industrial empregado. Paralelamente, todo contingente social envolvido nesse crescimento industrial-urbano, ocupou espaços devidamente demarcados e de acordo com seu status social enquanto classe, dentro da nova dinâmica cultural estabelecida pela Modernidade.

Assim é que as cidades refletem um padrão cultural que, antes de qualquer outra ingerência, é derivação direta do modo de produção econômica prevalente. No caso do crescimento das cidades ocidentais, são derivações diretas do crescimento do sistema capitalista industrial, onde o espaço urbano também passou a ser tratado como espécie de extensão da cultura consumista, passando a ter também um valor de mercado, como qualquer outra mercadoria oriunda do capital. As mudanças arquitetônicas realizadas por Hausmann em Paris no século XIX, bem como aquelas realizadas por Pereira Passos no Rio de Janeiro no início do século XX, são exemplos cristalinos da função social das cidades dentro do novo cenário cultural moderno. A partir dessa concepção político-econômica, a ocupação do espaço

territorial urbano passa a ser definido de acordo com os interesses e necessidades instrumentais do capital. O que é importante observar como notória insensatez nessa concepção cultural é o fato de que, as cidades, em tese, são espaços de natureza pública destinados à convivência social entre os indivíduos. Entretanto, na prática, sua ocupação se dá através de uma mentalidade de natureza privada.

Nas últimas décadas, com a crise capitalista, a reestruturação produtiva e a adoção de políticas neoliberais, as cidades revelam que de fato não são produzidas para as pessoas. A queda do emprego industrial, a terceirização, o rebaixamento de salários e direitos, tornaram a vida mais difícil para grande parte de seus moradores, mesmo nos países centrais... Mas, como as cidades são também o lugar de realização da vida, é nelas que as lutas e resistências se fortalecem e se revelam. As lutas que se desenvolvem especialmente nos últimos anos, evidenciam que o futuro da cidade e de um novo modo de vida está em disputa e que o uso, a apropriação, a sociabilidade, o direito à memória coletiva, a possibilidade das diferenças, são fundamentais para que os 'males da vida urbana moderna' sejam superados. (ALVAREZ, 2015, p. 5).

Na configuração social das cidades pós-modernas convivem de forma simultânea diferentes culturas que estão, ao mesmo tempo, entrelaçadas e afastadas, uma vez que, não há reconhecimento ou aceitação por parte do indivíduo daquilo que não lhe parece familiar, nesse sentido, ele aceita como normal pena aquilo que lhe parece igual. Esse é um impasse importante que se apresenta para as grandes cidades contemporâneas, absorver no mesmo espaço territorial a convivência entre segmentos sociais díspares. Assim, usando a tese de Bauman (2009), os indivíduos pós-modernos estão condenados a viver no mesmo espaço físico, impossibilitados de sair do lugar que lhes é dado no universo globalizado. O grande desafio dos pensadores e políticos contemporâneos para Bauman (2009) seria recuperar a dimensão comunitária do espaço público, como forma de aprender a arte de uma convivência segura, pacífica e amigável.

Conforme já dito, são nas grandes cidades globais que o neocapitalismo se realiza enquanto sistema econômico hegemônico. Assim, ela tem que, não só se adaptarem à livre atuação de seus interesses, como ainda sofrem os impactos culturais derivados dessa lógica do capital globalizado a partir da segunda metade do século XX. Por derivação, o crescimento populacional urbano é tão intenso quanto o desenvolvimento do próprio neocapitalismo, agora 'em rede' mundial,

conduzido pelas cidades centrais, justamente aquelas pertencentes aos países detentores e condutores do capital financeiro especulativo contemporâneo. O que temos então é a constante reformulação do espaço arquitetônico, bem como a adequação do ambiente cultural urbano à essa nova ordem pós-moderna conduzida pelas elites globais. Como bom exemplo, um país eleito para sediar uma copa do mundo, precisa assumir um “caderno de encargos” que nada mais é do que a adequação do país às normas e interesses do capital financeiro e que tem como porta voz, no caso, a FIFA.

Derivado dessa imposição econômica que estabelece um padrão global de mercado, também é imposto um padrão cultural global que se entende como ideal, devendo assim ser assumido de forma padronizada, conforme já aludido aqui. A arquitetura verticalizada imposta à essas cidades globais se reproduz nas relações culturais entre as diferentes classes sociais, que também passam a verticalizadas. Sem nenhuma proteção de natureza estrutural, os setores sociais alijados da lógica do capital pós-moderno, sofrem as consequências do novo mosaico sócio cultural urbano, elitista e excludente em sua essência.

Por decorrência direta, as cidades ficam devidamente divididas entre as protegidas zonas urbanas ricas e as desprotegidas zonas urbanas pobres. A crueza maior dessa nova cultura imposta pelo neocapitalismo contemporâneo é que os mais ricos se protegem e/ou se beneficiam com as mudanças sociais e econômicas em constante mutação, por outro lado, os mais pobres aumentam o sofrimento enquanto 'deserdados' sociais.

Entre esses dois segmentos, encontra-se uma classe média, angustiada, temerária de se transformar também em mais um segmento social 'deserdado'. Talvez o medo maior que acomete a classe média urbana na contemporaneidade é perder seu status e potencial de consumo, uma vez que o desejo de consumir transformou-se no alimento da alma da classe média nas grandes cidades globais. Aliás, podemos dizer que o medo talvez seja o sentimento mais presente na convivência social entre os indivíduos nas grandes cidades pós-modernas. Medo esse derivado da insegurança ou da incerteza em relação ao que está por vir. Nesse cenário, o que fica mais ou menos latente é a impotência dos indivíduos em neutralizar uma lógica que lhes é imposta de maneira contundente, uma vez que,

são imposições alheias á sua vontade, espécie de 'destino', como sugere Bauman. Superar de maneira absoluta tal concepção de mundo que privilegia e impõe o trabalho e o consumo como 'modos de vida' ideais, nos parece inviável, o que resta então ao indivíduo pós-moderno como possibilidade de ação, é tentar neutralizar os impactos que essas imposições provocam em sua vida e em seu comportamento social.

O fato é que a grande cidade globalizada vive um dilema nos dias atuais, têm que absorver aquilo que a Pós-Modernidade lhe impõe como exigência para que se mantenha como metrópole inserida na cultura global, ao mesmo tempo em que tem que dar conta de toda uma tradição cultural que lhe elevou à condição de cidade importante no cenário mundial. O Rio de Janeiro pode ser dado como exemplo significativo de metrópole que vive esse dilema. Em seu espaço territorial, tem-se devidamente estabelecido um cenário social onde as contradições se entrelaçam e os problemas afloram de maneira categórica e desafiadora diante dos olhos, sempre exigindo respostas, soluções e adequações equilibradas entre as inovações tecnicistas pós-modernas e a tradição sócia cultural urbana originária, o que tende a configurar geograficamente na criação de “ambientes” sociais distintos e tensos, o centro e o periférico.

Nesse cenário, podemos dizer com certeza que se manifesta de maneira flagrante um embate entre a concepção cultural de natureza privada (pós-moderna) e a concepção cultural de natureza pública (tradicional). Verdadeiro choque de interesses repleto de problemas pontuais graves e de consequências ainda mais graves, o que compromete não só a paz urbana, mas provoca também a crescente degradação da vida, principalmente nas periferias, onde se localizam os segmentos sociais desfavorecidos por essa cultura político-econômica pós-moderna, naturalmente elitista e excludente, decorrência direta de seu caráter privatista.

O certo é que temos um cenário cultural formalmente estabelecido nas grandes cidades onde o indivíduo entende o outro como algo distante e distinto, apesar do convívio tão próximo e estreito geograficamente. Esse tipo de mentalidade acaba por transformar aquilo que deveria ser vivência em sobrevivência. Tais impasses comprometem de maneira direta a qualidade de vida na grande cidade pós-moderna, envolvendo, nesse caso e sem restrição, abastados

e marginalizados. Todos confiam no progresso técnico e nas inovações que se nos apresenta a Pós-Modernidade globalizada no mundo contemporâneo, mas, ironicamente, todos temem serem excluídos por essa cultura inovadora.

Nos últimos anos, os índices de pobreza aumentaram de modo constante e algumas áreas periféricas começaram a sofrer um processo evidente de degradação. Da mesma forma, sabemos que crescem os processos de marginalização dos mais pobres, desempregados por longos períodos, psicologicamente fragilizados sem teto, ao mesmo tempo em que a integração dos extracomunitários torna-se um processo muito difícil, cada vez mais árduo, em razão de um clima cultural que esconde cada vez menos a impaciência e estorvo. (BAUMAN, 2009, p. 10).

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, A. Espaço Urbano. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 76, p. 1-5, ago. 2015.

BAUMAN, Z. **Confiança e medo na cidade**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **Vida para o consumo**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BERNARDES, J. E. **A Via Religiosa**. Caros Amigos, São Paulo, n. 76, p. 30-31, 2015a.

_____. Geração de Workaholics. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 76, p. 11-13, ago. 2015b.

IANNI, O. **A Era Do Globalismo**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1996.

RODRIGUES, T. Felicidade que se vende. **Caros Amigos**. São Paulo, n. 76, p. 37-38, ago. 2015.

SANTOS, M. O lugar e o cotidiano. In: SOUSA SANTOS, B.; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.584-602.

Recebido em 02/12/2019.

Aceito em 16/12/2019.